



Candidato do PT ao Planalto reconhece desvios na Petrobras durante o seu governo, mas ressalta que apurações ocorreram porque ele criou mecanismos de investigação. Presidenciável acusa força-tarefa de agir politicamente

Lula admite corrupção, mas condena Lava-Jato

• TAÍSA MEDEIROS
• VÍCTOR CORREIA
• TALITA DE SOUZA

O ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, candidato do PT ao Planalto, admitiu a existência de corrupção na Petrobras quando esteve no governo, mas procurou demonstrar que as irregularidades só vieram à tona porque a gestão dele criou mecanismos de investigação de irregularidades. O petista também deu várias aflições ao presidente Jair Bolsonaro (PL), classificado por ele como "bobo da corte", por não ter mais o controle do Orçamento da União.

O primeiro tema abordado na entrevista ao *Jornal Nacional* foi o que mais preocupava a campanha de Lula: corrupção. O apresentador William Bonner destacou que o ex-presidente "não deve nada à Justiça", pois o Supremo Tribunal Federal (STF) anulou os processos contra ele na Lava-Jato, mas ressaltou que "houve corrupção na Petrobras". Perguntou, então, o que o candidato fará para convencer os eleitores de que os escândalos não ocorreram novamente, caso ele seja eleito.

"Foi no meu governo que a gente criou o Portal da Transparência, que a gente colocou a Controladoria Geral da União (CGU) como ministro para fiscalizar, que a gente criou a Lei de Acesso à Informação, que a gente criou a Lei Anticorrupção, a lei contra o crime organizado, a lei contra a lavagem de dinheiro", elencou o presidenciável, justificando que, por haver mais mecanismos de apuração, os escândalos foram evitados.

O candidato aproveitou para criticar a Operação Lava-jato — capitaneada pelo então juiz, Sérgio Moro — pela qual foi preso, acusado de corrupção passiva e lavagem de dinheiro. "A Lava-jato enveredou por um caminho político delicado, ultrapassou o limite da investigação e entrou no limite da política. E o objetivo era tentar condenar o Lula", frisou. Bonner insistiu no questionamento sobre o petróleo, e o candidato admitiu que ocorreram desvios de recursos da estatal. "Você não pode dizer que não houve corrupção se as pessoas confessaram", admitiu.

Lula, porém, reprovou a

Reprodução/3



Lula criticou o orçamento secreto e disse que o Orçamento da União está nas mãos do presidente da Câmara, não nas do chefe do Executivo

Você não pode dizer que não houve corrupção se as pessoas confessaram

Luiz Inácio Lula da Silva, candidato do PT

forma como o Ministério Público Federal (MPF) lidou com os casos. "O que é mais grave é que as pessoas confessaram e, por isso, ficaram ricos. Ou seja, foi uma espécie de delação premiada: você não só ganhava liberdade por falar o que queria o Ministério Público como também ficava com parte do que você roubou. O roubo foi oficializado pelo

Ministério Público, o que acho uma insanidade e uma aberração do país", enfatizou.

O presidenciável criticou novamente Bolsonaro ao comparar os governos dele. "Eu poderia fazer um decreto de 100 anos de sigilo, sabe o que tá na moda agora? Decreto para [Eduardo] Fazuêlo, meus filhos, decreto para os meus assessores, ou poderia não investigar. E nada vai ser apurado e não vai ter corrupção. A corrupção só aparece se você governa de forma republicana e permite a investigação, independentemente de quem seja", ressaltou.

O ex-presidente acusou Bolsonaro de interferir nos órgãos de controle para burlar investigações contra ele, filhos e aliados. "Eu poderia ter escolhido um procurador engavetado. Sabe aquele amigo que você escolhe que nenhuma processo vai para a frente? Eu poderia ter feito isso, não fiz. Eu escolhi da lista triplíce", afirmou, numa menção ao procurador-geral da República, Augusto Aras, considerado um

aliado do governo Bolsonaro. "Eu poderia ter impedido que a Polícia Federal tivesse um delegado, que eu pudesse controlá-lo. Não fiz", acrescentou, em referência às sucessivas trocas no comando da corporação, feitas pelo atual chefe do Executivo.

Ao ser questionado sobre o que faria para evitar o uso de "uma moeda de troca", como o orçamento secreto, Lula afirmou que o esquema de negociação de emendas parlamentares para conseguir apoio é "uma usurpação do poder".

"Bolsonaro não cuida nem do Orçamento. Quem cuida é o Arthur Lira (presidente da Câmara). Tem que acabar com essa história de semipresidencialismo, semiparlamentarismo. Bolsonaro parece um bobo da corte. Vamos, sim, conversar com os parlamentares, mas não com essa relação."

Dilma

Perguntado sobre as políticas econômicas do governo Dilma

Rousseff, Lula admitiu que sua sucessora cometeu falhas. "Acho que a Dilma cometeu equívoco na gasolina, ela sabe que eu penso isso. Acho que cometeram equívoco na hora que fizeram R\$ 540 bilhões de desoneração e isenção fiscal de 2011 a 2014, e acho que, quando ela tentou mudar, tinha uma dupla dinâmica contra ela: o Eduardo (Cintra) na Câmara e o Aécio (Neves) no Senado, que trabalharam o tempo inteiro para que ela não pudesse fazer nenhuma mudança", argumentou.

Ao defender seu projeto econômico, o ex-presidente ressaltou que o brasileiro precisa ter seu poder de compra reparado. "O povo tem que voltar a comer um churrasquinho, a comer uma picanha e tomar uma cervejinha", disse.

Lula afirmou que sua obsessão é voltar a governar o país. "Porque eu acho que é possível recuperar este país, a economia voltar a crescer, a gerar emprego. Vou voltar para provar que é possível fazer mais."

Memória

Como foi em 2006

A última entrevista do candidato Luiz Inácio Lula da Silva (PT) ao *Jornal Nacional* tinha ocorrido em 2006, quando ele disputava a reeleição. A subtítulo tratou, principalmente, do escândalo do mensalão, ocorrido no primeiro governo do petista. Questionado pela apresentadora Fátima Bernardes se tinha conhecimento dos crimes cometidos por membros de seu governo, Lula respondeu: "As pessoas ousam dizer o seguinte: 'Olha, mas o presidente deveria saber de tudo'. Ora, vamos ser francos, vamos ser honestos entre nós. Está cheio de famílias que têm problemas dentro de casa, e a família não sabe. (...) Como é que eu posso saber agora o que está acontecendo com os meus ministros que não estão aqui?".

Então presidente também defendeu que afastou membros do governo envolvidos no esquema, como os ex-ministros José Dirceu e Antonio Palocci, mas que o papel do governo não é acusar. Ele ressaltou que seu governo investiu no combate à corrupção. "Nunca foi presa tanta gente neste país, e de crimes que começaram em 85, 80, 90. São quadrilhas históricas no governo, que estavam embaixo do tapete e que nós resolvemos colocar os organismos públicos para funcionar", disse Lula.

Além de corrupção, o petista foi questionado sobre sua gestão em segurança pública. Uma das promessas dele, durante a campanha de 2002, foi o combate ao narcotráfico. Porém, segundo o apresentador William Bonner, o tráfico "intermitente ainda mais" a população, após o primeiro ano do governo, mesmo com o maior ex-petista da Polícia Federal. Lula argumentou que o Brasil tem uma grande fronteira e que é impossível monitorar toda a sua extensão. "A Polícia Federal está desbaratando quadrilha e prendendo quadrilha vinculada ao narcotráfico como jamais foi preso neste país."

Especialistas apontam bom desempenho

• TAÍSA MEDEIROS
• ROSANA HESSEL

Apesar das questões espinhosas, como o escândalo do petróleo, especialistas avaliam que o candidato à Presidência pelo PT, Luiz Inácio Lula da Silva, respondeu com tranquilidade e fluidez às perguntas na entrevista do *Jornal Nacional*. Para eles, no entanto, em um dos temas mais delicados nestas eleições — a economia —, o ex-presidente encontrou uma certa dificuldade.

Na avaliação do cientista político e pesquisador de Pós-Doutorado do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebap) Enrique Carlos Natalino, Lula se esquivou ao responder sobre como enfrentará a herança econômica dos últimos anos,

especialmente o elevado endividamento público e a desindustrialização do país.

"Repetiu chavões de seu primeiro mandato, como a necessidade de mais investimentos e as acusações de que o governo Fernando Henrique Cardoso (FHC) quebrou o país. Faltou, por exemplo, o reconhecimento de que o Plano Real ajudou a consolidar o ambiente para o crescimento econômico na década de 2000", destacou. "Percebe-se, também, uma dificuldade do ex-presidente em lidar com os problemas econômicos legados pela gestão Dilma Rousseff, como a inflação, a recessão e o desemprego."

Sobre o petróleo, Lula conseguiu desviar das "armadilhas" e responder com clareza, segundo

observou o cientista político Alexandre Ilocha. "O candidato conseguiu abordar com propriedade o tema da corrupção, dizendo que os fatos só vieram ao conhecimento público porque foram investigados. Nesse aspecto, conseguiu fazer contraponto com o governo Bolsonaro, que tem recorrido a manobras de sigilo, por exemplo", analisou.

Pedro Castelo Branco, professor do Instituto de Estudos Sociais e Políticos (Iesp) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), destacou como ponto alto o discurso pacificador do candidato. "Ele se referiu à política com divergência com diálogo, com adversários, e não política com ódio, tratando adversários como inimigos", disse.

Nas redes

A entrevista de Lula foi um dos assuntos mais comentados nos redes sociais. O cantor Caetano Veloso disse ter se emocionado. "Chorei vendo Lula no JN. Mais do que quando votei nele em 2002. Tanto da nossa história. Racionalmente falando, meu candidato é Ciro (Gomes). Mas Lula arrebatou. Sou um brasileiro típico. Voto em Lula", escreveu.

A cantora Zéila Duncan também elogiou o desempenho do petista. "Lula é de carne e osso, por isso é ele que vai estancar a sangria do Brasil, para começarmos a nossa cura", postou. Bolsonaro não postou nenhum comentário durante a entrevista. Quase duas horas depois, se manifestou no Twitter apenas

com uma foto dele assistindo a uma tevê em que aparecia imagem de pessoas encapuzadas e com a frase: "Esse é o PC". O ex-juiz Sérgio Moro (União Brasil) fez uma série de tuítes contra o presidenciável. "Resultado final: Lula não respondeu às perguntas no *Jornal Nacional* e mentiu descaradamente. A entrevista foi muito parecida com os interrogatórios dele na Lava-Jato", escreveu.

Felipe Nunes, CEO da empresa de pesquisa Quasest, postou no Twitter que, na média, 15 milhões de pessoas foram impactadas com postagens sobre a entrevista. Foi a melhor média do levantamento, se comparada com os 9 milhões na entrevista de Bolsonaro e os 2 milhões na de Ciro.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Correio Braziliense - Brasília/DF

Seção: Política **Página:** 2